

# METODOLOGIAS UTILIZADAS PARA LETRAR E ALFABETIZAR PELOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DA ESCOLA ESTADUAL VITÓRIA FURLANI DA RIVA DE ALTA FLORESTA – MT

REALTO, Glaucia Brissow<sup>1</sup>

glauciaseta@hotmail.com

LIMA, Franciele Gregorio de<sup>2</sup>

francielegl@hotmail.com

KLOH, Catia<sup>3</sup>

catiakloh@hotmail.com

OLIVEIRA, Ademilso Sampaio de<sup>4</sup>

adesampa@bol.com.br

## RESUMO

Saber ler e escrever é, para o indivíduo, uma garantia de experiência política e cultural num país que, por sua vez, se pretenda letrado e, assim, desenvolvido. A reflexão pode ser de relevância para os profissionais de Educação Básica, visto que muitos alunos termina o Ensino Médio com dificuldade para ler e também redigir textos. A sala de aula é uma comunidade linguística em que são estabelecidas relações sociais através de práticas do professor, que por sua vez devem despertar o interesse do aluno para leitura e escrita. Tendo em vista os processos de alfabetização utilizados pelo professor, realizou-se uma pesquisa com docentes da Escola Estadual Vitória Furlani da Riva, Alta Floresta – MT, sobre as principais metodologias utilizadas por eles em suas práticas. Foram entrevistados 10 professores da rede pública de ensino, sendo que 50% pertencem ao sexo masculino e 50% ao sexo feminino. Dos professores, 60% vieram de outros estados do país e 50% possuem mais de 35 anos de idade. Somente 40% dos professores trabalham há mais de 10 anos na educação. Constatou-se pelas respostas dos professores que eles buscam se atualizar profissionalmente pois 50% cursam ou cursaram a especialização; que 40% são professores efetivados pelo estado ou município e os demais 60% são interinos, condição que gera instabilidade profissional. Embora não possuam um conceito formal adequado em relação a “alfabetizar”, 80% dos professores consideram-se alfabetizadores. Os professores abordados ministram aulas com o apoio de recursos audio-visual, cartazes e desenhos; realizam atividades em grupos, experiências, atividades práticas e pesquisas.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Leitura e Escrita. Educação Básica.

## 1 INTRODUÇÃO

Saber ler e escrever é, para o indivíduo, uma garantia de experiência política e cultural num país que, por sua vez, se pretenda letrado e, assim desenvolvido.

A leitura e a escrita deixam de ser mera habilidade de reconhecimento e de manipulação das letras do alfabeto para se tornarem ferramentas de inserção na realidade; em decorrência

---

<sup>1</sup>Discente de Pedagogia da Faculdade de Alta Floresta (FAF)

<sup>2</sup>Discente de Pedagogia da Faculdade de Alta Floresta (FAF)

<sup>3</sup>Graduada em Biologia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

<sup>4</sup> Docente de Pedagogia da Faculdade de Alta Floresta (FAF)

disso, a educação tem uma função mediadora a fim de viabilizar ao sujeito uma reflexão e atuação pertinentes nas dinâmicas sociais.

O “Saber ler” não significa “saber Ler” tendo em vista que leitura e interpretação estão em contextos diferentes no que tange à produção e à recepção dos mesmos.

Em função disso, refletir sobre as noções de letramento pode dar novo sentido ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita na educação infantil, pois hoje se depara com uma situação em que a muitos alunos terminam o ensino médio com dificuldade para ler um texto de média complexidade, bem como para redigir textos.

Atualmente, a sala de aula é vista como uma comunidade linguística na qual se estabelecem as relações sociais através de práticas específicas desenvolvidas pelo professor, o qual deve despertar na criança o interesse pelas novidades linguísticas a ela apresentadas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, e, por consequência, levá-la a criar o hábito da leitura e da escrita.

Com relação ao trabalho de alfabetizar e de apresentar a leitura às crianças, Zilberman apresenta obras de Érico Veríssimo, Cecília Meireles, Mário Quintana e Ziraldo, autores esses que assumiram o desafio de recriar com qualidade estética as cartilhas de alfabetização. Segundo a estética da recepção, o contato com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível para que, logo na primeira infância, estabeleça-se o vínculo com a leitura e a escrita, possibilitando, assim, que o aluno torne-se, no futuro, uma pessoa reflexiva.

Nesse ponto, é importante destacar que, para a construção de uma sociedade democrática, desenvolvida e socialmente justa, a educação é um dos fatores mais importantes, já que é direito de todos e condição básica para o exercício da cidadania. Ou seja, nos diversos sentidos da vida, seja ela profissional ou pessoal, o conhecimento da língua em suas diferentes vertentes da palavra escrita e falada é crucial para a vida social.

Em virtude disso, objetivou-se, com o presente artigo, apresentar as metodologias utilizadas para alfabetizar e letrar pelos professores dos anos iniciais da Escola Estadual Vitória Furlani da Riva. Para tanto buscou-se averiguar quais os materiais disponíveis para que os professores possam aprimorar suas técnicas de ensino e atingirem a meta de alfabetizar letrando.

A par disso, buscou-se averiguar quais os materiais disponíveis na escola para que os professores possam aprimorar suas técnicas de ensino acerca de suas necessidades para efetivamente atingirem a meta de alfabetização.

## **2 EMBASAMENTO TEÓRICO**

Há, hoje, em sala de aula, um desafio constante, o de fazer-se entender os dois processos de ensino “Alfabetizar e Letrar” uma criança, pois cada um dos mesmos tem suas particularidades que devem ser exploradas como um todo para que se consiga atingir o objetivo final que é o aprendizado.

Scholze e Rosing (2007), em “A escrita e o outro/interlocutor no dizer das crianças”, na obra *Teorias e Práticas de Letramento*, afirmam que:

Alfabetização e letramento, gradativamente, estão sendo entendidos como dois processos interdependentes, complementares, cada qual com especificidade própria. A mudança na compreensão do processo de alfabetização colocou, portanto, os usos sociais da escrita, materializados em textos, no centro de ensino. O desafio que a escola coloca hoje para a prática alfabetizadora é alfabetizar letrando. (SCHOLZE E ROSING, 2007, p. 38).

Para que haja uma melhor percepção da criança mediante os aspectos de letramento, o professor deve ficar atento às formas de ela compreender o mundo, do meio social onde esta está inserida e, também, ao seu ritmo de aprendizagem, para que se possa aproveitar as suas próprias características no processo de ensino/ aprendizagem.

Goulart (2007), em “Processo de Letramento na infância: aspectos da complexidade de processos de ensino- aprendizagem da linguagem escrita”, na obra *Teorias e Práticas de Letramento* organizada por Scholze e Rosing, diz que:

A reflexão das crianças para a compreensão do funcionamento social da escrita e de sua organização formal pode ter muitas janelas de entrada, conforme algumas pesquisas vêm mostrando. O estudo sobre alfabetização envolve a discussão sobre modos de alfabetizar e, também, sobre a necessidade de organização de fundamentos teóricos e metodológicos que nos levam a arquitetar um arcabouço conceitual sobre a aquisição da linguagem escrita pelas crianças. (GOULART, 2007, p. 63).

Soares (2004), em seu texto “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”, faz um contraponto da trajetória da alfabetização a partir dos anos oitenta até os dias atuais, período em que se pretendia resolver os diversos problemas educacionais pela modificação de alguns métodos e técnicas do ensino tradicional, e afirma que:

O que aconteceu na trajetória da alfabetização dos anos oitenta para cá foi uma sucessão de práticas de alfabetização que pretendiam resolver o problema da interpretação querendo romper as barreiras dos métodos tradicionais de alfabetização que privilegiavam mais os aspectos da decifração anulando porem esse aspecto não menos importante(...) (SOARES, 2004, p.5 ).

Ribeiro (2003) define o processo de alfabetização como a capacidade de/ou habilidade de decifrar códigos para que se atinjam diversos objetivos, ou seja, o indivíduo, ao fazer uso de tecnologias, pode exercer a arte e a ciência da escrita.

O autor afirma também que:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das

habilidades de utilizá-las para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia para exercer a arte e a ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita domina-se o letramento que implica habilidades como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos. (RIBEIRO, 2003, p. 91).

A partir do momento em que uma criança encontra-se em sala de aula deve-se buscar a integração de seu mundo social com o seu novo mundo escolar, ou seja, deve-se integrar família e escola. Para tanto, devem-se utilizar métodos que abordem tanto o aprendizado de socialização como o aprendizado curricular escolar, sem que haja conflito entre os mesmos.

Deve-se integrar a aprendizagem dos processos de socialização com a aprendizagem que ocorre como resultado do currículo, sem confundir as duas (SANTOS, 1987).

Sabe-se que hoje na sociedade o saber ler e escrever simplesmente não garante mais uma interação plena com os diferentes tipos de texto que são apresentados no dia a dia e nem garante a inserção em meio social justo. Hoje faz-se necessário que o cidadão seja capaz não apenas de decodificar letras, mas entenda o seu significado e a sua utilização dentro das palavras em diferentes contextos.

Segundo Soares (2000 a, s/p):

O letramento como o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive. A nossa sociedade tem um ritmo de mudanças muito acelerado, e isto ocorre em todos os setores sociais. O indivíduo hoje que não possui uma educação adequada fica marginalizado neste processo. Deste modo uma alfabetização na forma mecânica, saber ler e escrever, não garante mais aos alunos a interação plena com os diferentes tipos de texto que circulam na sociedade e nem garante a sua inserção em meio social justo. Hoje é necessário que eles sejam capazes de não apenas decodificar sons e letras, mas entenderem os seus significados e uso das palavras em diferentes contextos. (SOARES, 2000a, s/p).

No entanto, para que se possa ter essa visão geral dos opostos que tange “alfabetizar” e “letrar” um indivíduo, é necessário o aprofundamento de tais conceitos, tendo em vista os valores a serem aplicados a cada um. Magda Soares valoriza o impacto qualitativo que este conjunto pode atingir.

Para Soares (2003), mais importante que expor os opostos entre os conceitos de Alfabetizar e letrar é valorizar o impacto qualitativo que este conjunto de práticas sociais representa para o sujeito, que vai além da dimensão técnica e instrumental do puro domínio do sistema de escrita.

De acordo com Ivânia Pereira Midon de Souza (2010, s/p.), “em seu texto de mais de vinte anos atrás, ‘As muitas facetas da alfabetização’, Magda Soares (1985) já previa a necessidade de uma alfabetização voltada para a formação de competências de leitura e escrita dentro das práticas sociais”.

No livro “No mundo da escrita - uma perspectiva psicolinguística”, Magda Soares

(1998, p. 16) sustenta que “resultaria da necessidade produzir um novo termo capaz de abarcar novos fatos, novas idéias, novas maneiras de compreender os fenômenos”.

Entretanto, na constante tarefa de distinguir letramento de alfabetização, a autora faz algumas considerações sobre a importância dos métodos utilizados no ensino alfabetizador.

De acordo com Ivânia Pereira Midon de Souza (2010, s/p.)

Em seu texto “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”, Soares faz um "contraponto" em relação ao seu texto de mais de vinte anos atrás "As muitas facetas da alfabetização" (*Cadernos de Pesquisa*, nº 52, de fevereiro de 1985), constatando a persistência dos mesmos problemas referentes às práticas de alfabetização, agravados pelo que ela denomina de "desinvenção" da alfabetização em nome da invenção do letramento. Tal invenção acarretaria a reinvenção da alfabetização, ou seja, a ampliação do conceito de alfabetização, somando ao seu caráter de mero domínio do código, a competência de usar socialmente a leitura e a escrita respondendo às demandas cognitivas impostas pelas mesmas.

A autora diz que esta perda de comprometimento e de especificações de ensino não vem a ser o único problema que se encontra em relação às questões educacionais, mas que o mesmo, por sua vez, é com certeza o maior deles, ao lado desse, “fracasso escolar”, tão comentado e tão poucas vezes trabalhado em sala de aula. Mostra, ainda, alguns meios para estudá-los e até mesmo métodos a serem seguidos, para que se obtenha um suporte nas questões educacionais e na diferenciação entre alfabetizar e letrar o indivíduo.

Certamente essa perda de especificidade da alfabetização é fator explicativo – evidentemente, não o único, mas talvez um dos mais relevantes – do atual fracasso na aprendizagem e, portanto, também no ensino da língua escrita nas escolas brasileiras, fracasso hoje tão reiterado e amplamente denunciado. (SOARES, 2004, p.5)

A aprendizagem se processa de forma interativa com a cultura de quem aprende, valorizando os agentes mediadores da aprendizagem. Os educadores que dominarem as boas práticas de letramento terão chances de mediar o processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, com maior eficácia.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

#### **3.1 ÁREA DE ESTUDO**

A pesquisa foi realizada com docentes da Escola Estadual Vitória Furlani da Riva, em Alta Floresta /MT, que fica localizada no centro do referido município.

#### **3.2 METODOLOGIA**

O trabalho foi desenvolvido no período de fevereiro à dezembro de 2013, o método de

abordagem utilizado foi o hipotético-dedutivo, pelo qual se formulam hipóteses para posteriormente serem examinadas pelo processo de inferência dedutiva a partir de dados analisados.

A amostragem foi constituída por 10 professores da Escola Estadual Furlani da Riva e a técnica de coleta de dados utilizada foi a de observação direta extensiva através de questionário composto de 20 questões abertas e de múltipla escolha que foram respondidas pelos pesquisados.

### **3.3 ANÁLISE DE DADOS**

Os resultados foram analisados por semelhança e, como método estatístico, foi usada a porcentagem.

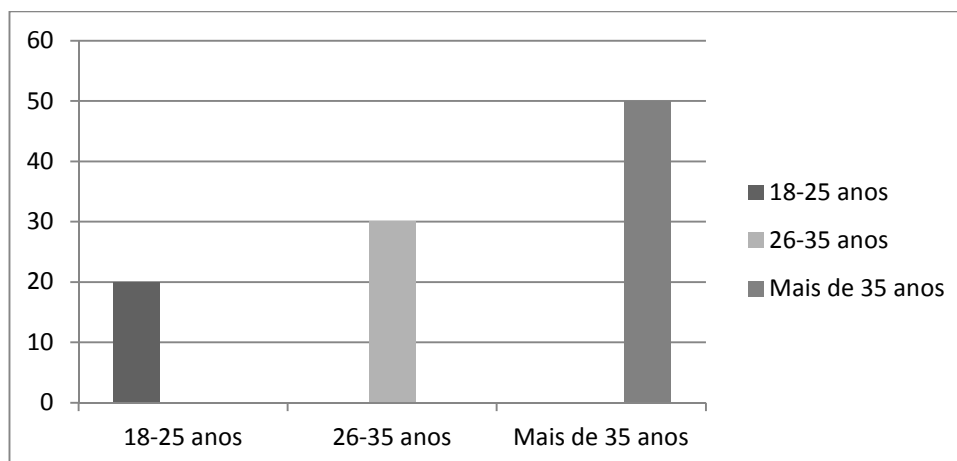
## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa foi realizada com professores do ensino regular do sistema público educacional, da rede estadual, sem distinção de sexo, idade ou série em que lecionam.

A pesquisa revelou que 90% dos professores moram em Alta Floresta há mais de 10 anos. Destes, somente 20% nasceram no estado de Mato Grosso, os outros vieram de diversos estados brasileiros, sendo 20% do Paraná, 10% dos estados do Pará, 10% do Maranhão, 10% de São Paulo e 10% de Minas Gerais. Os demais 20% não responderam a questão.

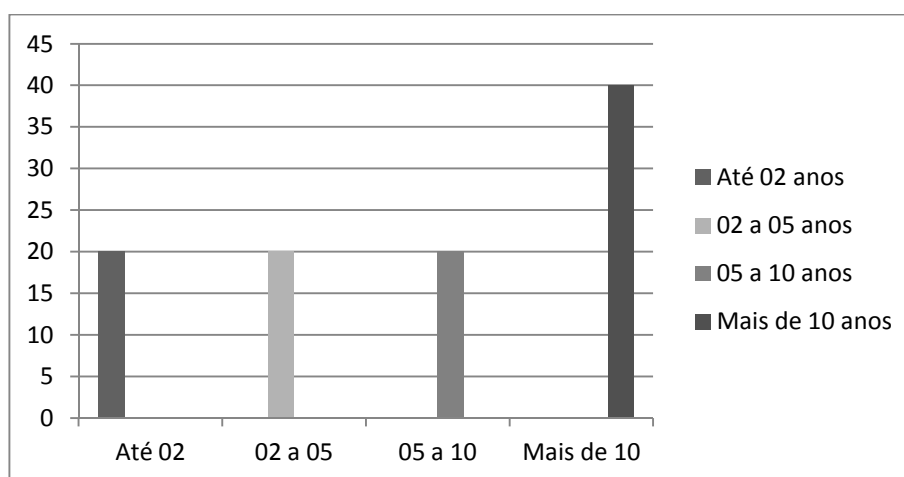
Dos entrevistados, 50% pertencem ao sexo feminino e 50%, ao masculino; 50% possuem idade acima de 35 anos de idade; e 20% encontram-se numa faixa etária entre 18 e 25 anos de idade (Gráfico 01). Com referência ao tempo de trabalho na educação, 40% está há mais de 10 anos atuando no ensino e 20% com menos de 02 anos (Gráfico 02).

Gráfico 01: Idade dos entrevistados.



Fonte: Realto, Glaucia. 2012

Gráfico 02: Tempo de serviço dos entrevistados.



Fonte: Realto, Glaucia. 2012

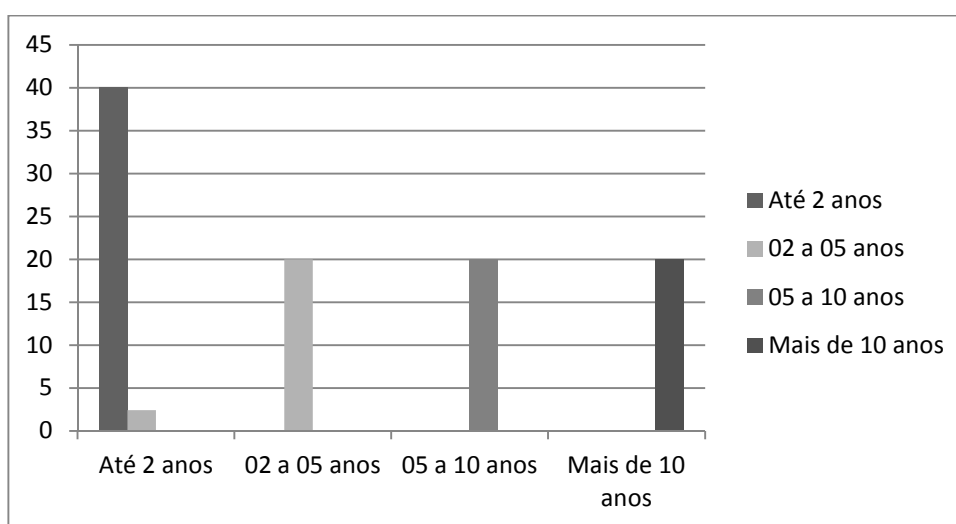
Segundo Tardif e Raymond (2000), em termos sociológicos, pode-se dizer que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo. Deste modo, se o trabalho modifica o trabalhador, com o passar do tempo, o “saber trabalhar” do profissional também sofre alterações, assim sendo, o tempo de carreira de um professor interfere no seu modo de trabalhar.

Dentre os professores entrevistados, 50% cursam especialização; 40% possuem ensino superior completo e 10%, possui ensino superior incompleto. Ainda em relação à

formação acadêmica, 30% cursaram Ciências Biológicas; 10%, Geografia; 10%, História; 10%, Pedagogia; 10%, Letras e 20% deles não responderam a questão.

Com relação ao tempo de serviço na escola atual, 40% estão há menos de 02 anos e 20% com mais de 10 anos (Gráfico 03), o que indica que a maioria dos profissionais estão na escola Vitória Furlani da Riva há pouco tempo. O tempo de exercício da atividade laboral na mesma escola/instituição reflete na qualidade do trabalho realizado pelo profissional, pois a permanência do mesmo leva-o a adquirir conhecimentos mais detalhados sobre o regimento da escola e a comunidade em que a escola está inserida; assim conta com mais dados da realidade, o que pode favorecer o trabalho de mediar à aquisição da leitura e da escrita de seu público-alvo.

Gráfico 03: Tempo de serviço do entrevistado na atual escola.



Fonte: Realto, Glaucia. 2012

Questionados acerca de efetuarem trabalho em uma ou mais turmas, 90% dos entrevistados declararam que trabalham com mais de uma turma e apenas 10% com uma turma somente (unidocência). Na sequência, questionou-se acerca de locais anteriores de trabalho e obtivesse as respostas detalhadas no gráfico, que informaram que 80% dos mesmos atuaram na rede pública de ensino, escolas e faculdade (UNEMAT), enquanto 20% não responderam a questão.

Em relação ao processo de alfabetização do aluno, 20% não se consideram um professor alfabetizador e 80% consideram-se professores alfabetizadores. Foi pedido aos entrevistados que justificassem a resposta caso esta viesse a ser a sim, destes, poucos a justificaram, sobressaindo as seguintes justificativas: “Por poder auxiliar no aprendizado”,



“Preocupo-me muito com o aprendizado de meus alunos”; “Adquiro habilidades de alfabetização”.

Para se trabalhar, são necessários recursos didáticos adequados e disponíveis aos professores, assim sendo, 80% disseram que a escola fornece materiais aos professores e 20% não responderam a questão. Entre os materiais de apoio oferecidos pela escola aos professores, estão citados os laboratórios de ciências e informática, biblioteca, televisão, aparelho de DVD, data-show, banner com conteúdos.

Segundo Ribeiro (2003), alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-las para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia para exercer a arte e a ciência da escrita. Deste modo, foram questionados os entrevistados sobre o que seria a alfabetização. Entre as repostas obtidas, destacam-se as seguintes: “Alfabetizar é o ato de ensinar conceitos escolar e social”; “Oferecer subsídio para que o aluno construa o conhecimento”; “É dar oportunidade para o aluno interpretar tudo o que o rodeia”; “Ensinar os primeiros passos para o entendimento da letra”; “Levá-lo ao conhecimento do mundo dos símbolos, números, letras e sinais que, juntas, darão sentido e clareza ao identificá-los expressamente”.

Através destas respostas e do conceito estabelecido por Ribeiro (2003), percebe-se que os professores, em sua maioria, ainda possuem um conceito estereotipado sobre alfabetização. Esse conceito estereotipado pode interferir no processo de ensino e aprendizagem.

A metodologia aplicada no processo de ensino age diretamente na aprendizagem do aluno e quando adequada ao conteúdo, sala, idade, facilita o entendimento do estudante referente ao tema abordado pelo professor. Assim, foi questionado aos professores sobre as metodologias utilizadas: 40% destes não responderam a questão, 60% responderam que ministram aulas com o apoio de recursos audio-visual e cartazes, desenhos, que realizam atividades em grupos, experiências, atividades práticas e pesquisas.

Essa variedade de metodologias e recursos utilizados contribui para despertar a atenção do aluno, devido ao fato da aula tornar-se dinâmica, descontraída, fungindo do tradicional método de trabalho, o expositivo somente.

Conforme Ribeiro (2003), alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-o para ler e escrever, já o letramento, conforme define Soares (2000), é dito como o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive.

Deste modo, foi questionado se os professores sabem diferenciar letramento de alfabetização, 20% não responderam e 20% disseram não haver diferença entre estes dois processos. Já 60% concordam que há uma diferença entre alfabetizar e letrar e esta se caracteriza pelo fato de que alfabetizar é o processo de reconhecimento de letras e símbolos e letramento, o entendimento de seus significados.

Foi questionado se para os professores a criança aprende primeiramente a ler ou escrever, 60% responderam que ela aprendem a ler primeiro, destacando a seguinte resposta: “A ler, pois é lendo que ela consegue saber o sentido das palavras”.

Sendo que 20% disseram que se aprende a escrever primeiro, destacando-se a seguinte resposta: “A escrever, devido à repetição, depois passa a dar significado para as letras”.

E 20% responderam que ler e escrever são processos que andam juntos, para esta, destaca-se a seguinte resposta: “As duas funções andam juntas, mas, se a leitura for uma prática habitual em seu lar, seu pensamento lógico será mais ativo pelo fato de ouvir leituras cotidianas”.

Foi-lhes questionado sobre qual seria a melhor idade para começar o processo de alfabetização, 60% referiram-se a uma idade mais comum de 4 anos, e 40% disseram não ter uma idade certa e que é preciso respeitar este processo na pessoa.

Dos professores, 90% disseram que as crianças já chegam à escola com algum conhecimento de leitura e escrita e isto se deve ao estímulo familiar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com essa pesquisa constatou-se que a maioria dos pesquisados concordam que há uma diferença entre alfabetizar e letrar, sendo que a primeira se refere ao processo de reconhecimento de letras e símbolos e letramento, ao entendimento de seus significados; Mais da metade dos sujeitos em voga trabalham há mais de 05 anos na mesma escola, o que gera vínculos com a comunidade que a compõe e normalmente possuem mais de uma turma de trabalho.

Em relação ao processo de leitura e escrita, a maioria dos professores concordam que as crianças aprendem a ler primeiro.

As respostas dos professores indicaram que as escolas também buscam atualizar-se em relação a material disponível e que os professores ministram aulas com o apoio de

recursos audio-visual, cartazes e desenhos; que realizam atividades em grupos, experiências, atividades práticas e pesquisas.

## **LITERACY PRACTICES USED IN LITERACY IN EARLY YEARS BY THE VISION OF TEACHERS**

### **ABSTRACT**

Reading and writing is a guarantee for the individual to experience a country which, in turn, want to be literate and well developed. The debate on this issue can give new meaning to the process of learning in early childhood education to the situation that most students finish high school with difficulty to read and also to write texts. The classroom is a community where linguistic relations are established through social practices of the teacher, they should arouse the interest of the student to read and write. Given the literacy processes used by the teacher this paper conducted a survey of teachers about the principal means used by them for these practices of students. We interviewed 10 teachers from public schools, and of this 50% were male and 50% feminine gender. 60% of the teachers came from other states of the country and 50% are over 35 years old. And somomente 40% of respondents work more than 10 years in education. It is perceived by teachers' responses that they seek to upgrade professionally for 50% attend or attended specialization. Only 40% of teachers are effected by the state or municipality and 60% are professional interim it generates instability. Regarding ha concepts of literacy perceives that are still unsupported for these. When asked if they consider themselves literacy teachers 80% said yes. Thus it is clear that teachers seek deals in your daily update itself.

**Keywords:** Literacy. Reading. Writing. Education.

### **REFERÊNCIAS**

GOULART, C. Processos de letramento na infância: aspectos da complexidade de processos de ensino aprendizagem da linguagem escrita. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia M. (Orgs.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília, DF: INEP/UPF, 2007.

RIBEIRO, V.M. (org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

SANTOS, Gláurea Basso dos; SIMÃO, Sueli Parada; **Processo de Alfabetização**. São Paulo: Ática, 1987.

SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia M. K. A escrita e a leitura: fulgurações que iluminam. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia M. K (Orgs.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília, DF: INEP/UPF, 2007.

SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: As muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Campinas: Autores Associados, n. 25, 2004

\_\_\_\_\_. Letrar é mais que alfabetizar. In: Nossa língua – nossa pátria. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 26/11/2000a. Entrevista

\_\_\_\_\_. **Problemas de aprendizagem**; 10<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **Letramento no Brasil**. São Paulo, 2003. Disponível em: <www.hottopos.com. Acesso em: 11 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Letramento e alfabetização**: As muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, Campinas, autores associados, 2004.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

SOUZA, Ivânia Pereira Midon de. Alfabetização e letramento: duas facetas necessárias às práticas bem sucedidas. Artigonal, 2010. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/alfabetizacao-e-letramento-duas-facetas-necessarias-as-praticas-bem-sucedidas-3049875.html>>. Acesso em: 11 de abril de 2012.

TARDIF, M. & RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Educ. Soc. v.21 n.73, Campinas dez. 2000.